

# O embate de narrativas entre Jair Bolsonaro e o *Jornal Nacional*: o pronunciamento da “gripezinha” sob o olhar da Análise da Materialidade Audiovisual

## **Simone Teixeira Martins**

Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Juiz de Fora, MG, Brasil

ORCID <https://orcid.org/0000-0003-2839-0859>

## **Mayra Regina Coimbra**

Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Juiz de Fora, MG, Brasil

ORCID <https://orcid.org/0000-0003-1601-9315>

## **Luiz Felipe Novais Falcão**

Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Juiz de Fora, MG, Brasil

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7266-6384>

## **Luiz Ademir de Oliveira**

Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Juiz de Fora, MG, Brasil

ORCID <https://orcid.org/0000-0003-3959-980X>

## **Iluska Maria da Silva Coutinho**

Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Juiz de Fora, MG, Brasil

ORCID <https://orcid.org/0000-0001-5597-9453>

## **Paulo Roberto Figueira Leal**

Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Juiz de Fora, MG, Brasil

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-9935-1614>

## **Resumo**

Análise acerca do embate de narrativas entre o presidente da República e o *Jornal Nacional*. Confronto dos discursos de Jair

Bolsonaro e do noticiário para o enfrentamento da Covid-19 no Brasil e a disputa narrativa e por poder simbólico entre eles.

## Palavras-chave

Embate de Narrativas; Enquadramento Noticioso; Análise da Materialidade Audiovisual; Pronunciamento; *Jornal Nacional*

## 1 Introdução

A pandemia da Covid-19 tornou-se um problema e alterou significativamente a organização social do mundo todo. Até o último levantamento realizado no buscador do Google Notícias, o mundo reúne mais de 112 milhões de casos e mais de 2 milhões e 497 mil mortes. No Brasil, o número de casos já ultrapassa os quatro milhões e concentra mais de 250 mil mortos, conforme dados de fevereiro de 2021. Apesar do problema ser o mesmo no mundo inteiro, cada país com as suas especificidades e gerenciamento tem enfrentado de modo mais forte ou mais brando o problema. No Brasil, observa-se que além da batalha contra o vírus trava-se também uma outra disputa: o embate de narrativas entre comunidade científica e autoridade política.

Diferentemente de países que aliaram os esforços científico e político para tomada de ações, no Brasil o presidente Jair Messias Bolsonaro teve uma postura completamente oposta. A exemplo de Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, Bolsonaro destacou-se pelo seu posicionamento cético e de minimização da doença, que foi reverberado e alimentado pelos seus seguidores. O descumprimento de medidas de distanciamento e a narrativa insistente de recomendação da hidroxicloroquina são exemplos claros das divergências entre ciência e política.

Do outro lado, há que se destacar o papel desempenhado pela imprensa durante a pandemia. Diferentemente do que ocorreu no passado, em outras pandemias, nessa especificamente contamos com um elemento crucial: o acesso informacional em tempo real à propagação da doença. O jornalismo tornou-se instrumento importante para divulgação de práticas de ação e enfrentamento e funcionou como mecanismo de orientação social diante do caos. A relação de confiança com a instituição mídia também foi modificada. Conforme aponta os resultados da pesquisa divulgada pelo Datafolha, em 23 de março de 2020, os brasileiros veem TVs e jornais como as fontes mais confiáveis na divulgação de informações sobre a pandemia de coronavírus (ESTADÃO, 2020).

Outro relatório apresentado pelo IAB Brasil, sobre os impactos e transformações da pandemia da Covid-19, em abril de 2020, observou um aumento no consumo de mídia dos canais, especialmente em TV e Digital (WPP, 2020). A pesquisa revelou um aumento médio de 15% no consumo de televisão. Os produtores de conteúdo tradicionais apareceram como os de maior confiança da população em relação às informações sobre a doença. O nível de confiabilidade da televisão, segundo relatório apresentado pelo Datafolha, em março de 2020, ficou em torno de 61%, 56% dos jornais impressos, 50% dos programas jornalísticos de rádios e 38% de sites de notícias. Por sua vez, o índice de confiança nas informações compartilhadas pelas plataformas digitais – WhatsApp e o Facebook – foi de 12%.

Nesse contexto, este artigo propõe analisar o embate de narrativas construído entre o presidente da República, Jair Bolsonaro, e o *Jornal Nacional*, tomando por base o pronunciamento de maior repercussão feito pelo presidente depois do começo da pandemia de Covid-19 no país, em 24 de março de 2020, e o desdobramento desse nas edições do *JN* da véspera, do dia da declaração e do dia seguinte. O objetivo do artigo é analisar o confronto entre esses personagens e lançar o olhar para a construção da narrativa jornalística e as funções assumidas pelo telejornal para imprimir sua credibilidade nesse novo contexto de circulação de informações. Para tal, utilizou-se o método da Análise da Materialidade Audiovisual.

## 2 Embate de narrativas na era da desinformação e da pós-verdade

Segundo Santaella (2019), a multiplicação de plataformas como blogs, sites e redes sociais permite a qualquer um, de forma quase que gratuita, disseminar quaisquer tipos de conteúdo para qualquer usuário, que pode inclusive alterar seu papel de receptor para o de emissor em um jogo de vai e vem ininterrupto. Para a autora, desde que a internet se tornou um ingrediente onipresente em nossas vidas, interação e conexão passaram a ser os elementos fundamentais de qualquer campo, inclusive o político. No entanto, essa novidade trouxe também inúmeras contradições e paradoxos que vêm desafiando a sociedade ambientada pelas redes.

Em períodos como o vivenciado atualmente com a pandemia da Covid-19, uma série de discussões relacionadas ao campo da comunicação tornaram-se ainda mais evidentes: a discussão sobre a disputa de narrativas – científica e política, a tecnologia no processo de

disseminação e compartilhamento de informação, as questões relativas às notícias falsas (*fake news*), a emergência do negacionismo científico e vivência da era da pós-verdade.

Kakutani (2018) utiliza o termo “declínio da verdade” para se referir a era da pós-verdade, que inclui também expressões corriqueiras como *fake news* e desinformação. Os ataques à verdade estão visíveis pelo mundo todo. Ondas de populismo e fundamentalismo têm feito com que as pessoas recorram mais ao medo e à raiva do que ao debate honesto e sensato. Essa prevalência das emoções tem corroído instituições democráticas e tem feito com que pessoas troquem frequentemente as opiniões dos especialistas pela sabedoria das multidões.

D’Ancona (2018) destaca que pós-verdade não é a mesma coisa que mentira. Na verdade, os políticos mentem e sempre mentiram ao longo da história. O que tem de novo com a pós-verdade não é a desonestidade desses personagens, mas a resposta que o público dá a isso. Se antes recebiam com indignação, agora a recepção se dá com a indiferença e por fim, com a convivência. Mesmo em sistemas democráticos, a mentira é considerada regra e não mais exceção. O que importa não é mais a racionalidade dos argumentos, mas a convicção que vem arraigada nestes. A base para o fenômeno da pós-verdade está, segundo o autor, no colapso da confiança das instituições tradicionais – judiciário, imprensa, ciência. Kakutani (2018, p. 51) argumenta que cada vez mais “a verdade parece estar nos olhos de quem vê”. E também reafirma que essa queda progressiva do conceito de verdade tem sido visível concomitantemente à queda da confiança nas instituições e nas narrativas oficiais – ciência, imprensa.

A democratização outrora considerada libertadora da informação transformou-se em uma enxurrada de desinformação e relativismo. Um exemplo claro é atual epidemia da Covid-19 e a produção em larga escala de notícias falsas, inclusive pelo próprio presidente do país – Jair Bolsonaro. Com a pandemia, o que se observa é que a verdade produzida pela ciência, bem como a autoridade de especialistas desse campo, tem sido atacada. O desprezo que o presidente do país, Jair Bolsonaro, nutre pelo conhecimento especializado reflete atitudes mais amplas que permeiam toda a sociedade e são por ele incentivadas.

Kakutani (2018, p. 19) pondera que a internet não só democratizou a informação de maneira nunca antes vista como também está fazendo com que a “sabedoria das multidões” tome o lugar do conhecimento científico, nublando perigosamente os limites entre fato e opinião, entre argumentação embasada e especulação. “Com essa adoção da subjetividade veio também uma diminuição da verdade objetiva: a glorificação da opinião acima do

conhecimento, das emoções acima dos fatos” (KAKUTANI, 2018, p. 75). O autor explica que, assim como observou Orwell, quando a verdade é tão fragmentada, abre-se um caminho para que algum líder ou grupo dominante dite em que ou em quem se deve acreditar. “Se o líder diz que determinado evento ‘nunca aconteceu’ – bem, aquilo nunca aconteceu”. Tal fato é visível no comportamento do governo no enfrentamento da pandemia no Brasil. Dada a velocidade da doença e a ausência de medidas eficientes e comprovadas, o acesso às informações corretas torna-se bastante difuso. Quando Bolsonaro utiliza seu espaço de fala de líder político para desacreditar da pandemia e minimizá-la, ele dá força para que tal pensamento seja compartilhado pela maioria, nessa guerra de produção de verdades.

Perosa (2017) reforça que, além da queda de confiança nas instituições tradicionais, outros dois fatores corroboram para a evidência da pós-verdade nos dias atuais: a alta polarização que acaba acionando o debate menos racional e mais emocional e o apreço pelo consenso que leva as pessoas a colocar os nervos à flor da pele e a descentralizar a informação, que foi possível com a expansão da internet e a possibilidade de canais alternativos e independentes de comunicação.

Kakutani (2018) salienta que esse novo cenário perpassado pela internet tornou mais propício influenciar os medos e os ressentimentos com a produção de narrativas virais e convincentes que servem para alimentar as realidades alternativas. O problema de Bolsonaro afirmar constantemente que as pessoas não precisam ter medo do Coronavírus e de que ele não passa de uma “gripezinha” é que esse discurso se encaixa perfeitamente nos medos das pessoas e as leva a tomá-lo como verdade, visto que tem coerência com suas emoções (KAKUTANI, 2018).

### **3 Enquadramento noticioso: construção de quadros de sentido na pandemia da Covid-19**

Conforme aponta Thompson (1998), a comunicação, em si mesma, é estruturante no processo de socialização dos indivíduos. É ela quem reorganizou o espaço e o tempo e fez com que os indivíduos passassem a compreender para além de seus contextos sociais imediatos. A mídia dilatou os horizontes dos indivíduos e a compreensão do mundo também perpassou por aquilo que ela produzia como produto. Se já considerarmos seu caráter estruturador no cotidiano, a mídia torna-se ainda mais importante num cenário marcado pelo isolamento social e fundamental para a compreensão de um fenômeno como a pandemia.

Ao se considerar os critérios de noticiabilidade de um fato (TRAQUINA, 2004), as doenças, por si só, já apresentam forte apelo de agendamento midiático, muito pela singularidade do fenômeno e pelos impactos que este reflete na sociedade como um todo. Ferraz e Lerner (2012) argumentam que, há décadas, as enfermidades já atraem o interesse midiático e se intensificam em períodos de epidemia – momentos singulares que alteram a estrutura social e também modificam a forma como as pessoas interagem e atuam na sociedade. O contexto de calamidade que a pandemia suscita acaba por atrair o campo jornalístico e o obriga a compreender e retratá-lo como forma de informar a sociedade. É através da narrativa jornalística que as pessoas vão construindo sentido para os acontecimentos e tornando a experiência da pandemia comum.

Esse cenário de pandemia trouxe mudanças significativas para o campo da comunicação como espaço de centralidade. Outro apontamento feito pelo relatório apresentado pelo IAB Brasil sobre os impactos e transformações da Covid-19 destacou que as notícias são o principal conteúdo consumido – no espaço tradicional e digital. Tal dado aponta que o consumo exagerado de notícias refletiu o medo, a incerteza de questões econômicas, educacionais e sociais e evidenciou o caráter de construtor de realidade dos meios de comunicação. Referendando, assim, o caráter estruturante do campo no processo de organização social.

Concomitante a isso, há que se destacar uma outra característica dos meios de comunicação no processo de socialização, tão importante para a apreensão dos fatos: os enquadramentos noticiosos. Durante muito tempo acreditou-se que a mídia exercia seu papel de modo objetivo, imparcial, tal como um espelho da realidade (TRAQUINA, 2004). No entanto, com o passar dos anos essa concepção foi se desfazendo, novas teorias foram surgindo e atualmente a teoria mais recente para compreender a atividade jornalística é a teoria do enquadramento (*framing*).

Porto (2002) argumenta que as teorias iniciais do jornalismo que compreendiam a mídia como veículo responsável por informar e servir à democracia, de modo imparcial e objetivo, não eram suficientes para compreendermos a relação da comunicação com o mundo exterior e que o enquadramento é visto como um enfoque teórico capaz de superar as limitações do paradigma anterior. Mauro Porto (2002) explica que os enquadramentos foram compreendidos como recursos responsáveis por organizar o discurso – verbal ou visual por meio de seleção, ênfase e exclusão. O resultado dessas práticas tem como resultado, tanto

para os jornalistas que atuam quanto para quem consome os relatos por eles descritos, uma dentre várias interpretações possíveis.

#### **4 Personagens em destaque: Jair Bolsonaro e *Jornal Nacional* sob a ótica da Análise da Materialidade Audiovisual**

Jair Bolsonaro é o atual presidente da República. Ex-capitão do exército, o chefe de Estado brasileiro é polêmico desde quando era deputado federal, como afirma matéria divulgada pela revista Carta Capital (2020) – assumiu o primeiro mandato parlamentar em 1990 tendo sido reeleito seis vezes (1994, 1998, 2002, 2006, 2010 e 2014) –, e responde, com frequência, a perguntas sérias sem o menor pudor ou tato. Mantém a mesma postura frente à pandemia de Covid-19.

Já o *Jornal Nacional*, carro-chefe da Rede Globo de Televisão, completou 50 anos no ar em 2019. Desde sua primeira exibição, é líder de audiência e conquistou a preferência do público, de acordo com o instituto de pesquisa Kantar Ibope Media (2020), sendo reconhecido como um dos mais respeitáveis do país. No prefácio do livro em comemoração aos 50 anos do *Jornal Nacional*, um dos filhos de Roberto Marinho (2019), fundador da Rede Globo de Televisão e das empresas de comunicação do Grupo Globo, enfatizou que o compromisso do noticiário se dá com o povo brasileiro, com quem se relaciona diariamente.

Apresentados os personagens, esclarecemos que, como estratégia de observação, utilizamo-nos do método desenvolvido no Núcleo de Jornalismo e Audiovisual da FACOM-UFJF, coordenado pela Dra. Iluska Coutinho. Ancorados a partir do método denominado de Análise da Materialidade Audiovisual, as pesquisas realizadas tomam como objeto de avaliação a unidade texto+som+imagem+tempo+edição em toda sua complexidade de códigos, sentidos e símbolos (COUTINHO, 2016). A Análise da Materialidade Audiovisual propõe-se a observar não apenas o conteúdo da narração dos repórteres e entrevistados, mas a totalidade da informação, em um processo que combina três momentos: o primeiro consiste no reconhecimento e na compreensão do objeto para o estabelecimento dos eixos centrais de observação a partir das perguntas de pesquisa; já o segundo diz respeito à realização da análise do recorte audiovisual selecionado para, por fim, realizar a interpretação dos resultados e completar a avaliação. Dessa forma, Iluska Coutinho (2016) sugere que seja feita uma pesquisa bibliográfica aprofundada e, em seguida, a construção de uma ficha baseada em eixos de análise – desenvolvida a partir das necessidades de observação, juntamente com o

referencial teórico, e que revela uma espécie de “entrevista do objeto”, já que assim é possível analisar os conteúdos audiovisuais através de uma moldura específica e apropriada aos objetivos e objetos de pesquisa.

Para o presente trabalho, desenvolvemos uma ficha de análise que busca compreender o pronunciamento de maior repercussão feito pelo presidente Bolsonaro após o início da pandemia de Covid-19 no Brasil, em 24 de março, e os desdobramentos de seu discurso no telejornal mais longevo da televisão brasileira. Para tanto, abordaremos quatro eixos de observação: o espaço em que os conteúdos ligados ao discurso tiveram no JN; o papel assumido por cada um dos personagens, Bolsonaro – em seu pronunciamento –, e *Jornal Nacional* – tomando por base as edições veiculadas na véspera, na data da declaração e no dia posterior; de que forma o assunto foi abordado na perspectiva de cada um dos personagens e qual enquadramento noticioso alcançaram; e, por fim, que função o *Jornal Nacional* assumiu para si em suas narrativas.

## 5 A postura de Bolsonaro frente à Covid-19 em Rede Nacional

Foi no dia 24 de março que Jair Bolsonaro decidiu se pronunciar em cadeia de rádio e televisão a respeito da Covid-19 no Brasil (BRASIL, 2020). Quase um mês após a primeira ocorrência no país (em 26 de fevereiro o Brasil teve a confirmação do primeiro caso de pessoa infectada com Coronavírus<sup>1</sup>) e somando 47 mortos, o presidente, enfim, resolveu se manifestar sobre a pandemia de Covid-19 assim como a respeito das medidas adotadas pelo governo federal.

No início de seu discurso, Bolsonaro – visivelmente desconfortável frente à câmera e notadamente lendo o pronunciamento – abordou a questão do repatriamento de brasileiros que estavam em Wuhan, na China, no início de fevereiro, como tendo sido o fato responsável por acender um “sinal amarelo” em sua equipe de governo quanto ao perigo do novo vírus. Entretanto, apesar de os brasileiros residentes no país oriental terem sido chamados de irmãos pelo presidente da República, a ação de regresso dos brasileiros foi, inicialmente, descartada por Bolsonaro porque custava caro e não havia lei de quarentena no país (UOL, 2020). Além disso, quando a operação foi executada, Bolsonaro sequer se preocupava com o

---

<sup>1</sup> Em reportagem veiculada no mesmo dia pelo *Jornal Nacional* há a informação de que se tratava de um homem de 61 anos, morador de São Paulo, que havia viajado para a Europa. Além disso, destacou que o paciente não apresentava sintomas graves e que havia participado de um churrasco em família, com cerca de 30 pessoas, que também passaram a ser monitoradas (JORNAL NACIONAL, 2020a).

tema (UOL, 2020), assim como sempre minimizou os impactos da pandemia (UOL, 2020), destacamos.

A fala do presidente também abordou a construção de um planejamento estratégico de enfrentamento ao vírus, valorizando o trabalho desempenhado pelo então Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, de esclarecimento dos cidadãos, do mesmo modo que a preparação do Sistema Único de Saúde para atendimento das vítimas estava sendo feita. Contudo, ressaltou que era preciso conter o pânico e a histeria supostamente promovidos pelos meios de comunicação. Ao mesmo tempo, Bolsonaro disse ter como função o planejamento de estratégias “para salvar vidas e evitar o desemprego em massa”. Nesse contexto, o presidente afirmou ter sido essa a sua atitude, assumindo a postura de um super-herói, um ‘homem de bem’ “quase contra tudo e contra todos”. Novamente criticou a forma como as informações foram veiculadas pela mídia, alegando terem sido elas as responsáveis por espalhar “a sensação de pavor” ao utilizar como exemplo a Itália, país com grande número de vítimas fatais de Covid-19 e cuja população é a mais idosa da Europa. Ademais, enfatizou que o país europeu possui clima diferente do Brasil, tropical.

Em seguida, e para reforçar seu discurso, Bolsonaro salientou – ironicamente, ressaltamos – que parte da imprensa havia alterado sua postura ao pedir calma e tranquilidade aos espectadores. Isso porque, no dia anterior, o *Jornal Nacional* foi aberto pelos âncoras com um editorial (JORNAL NACIONAL, 2020b) pedindo a todos os brasileiros serenidade para enfrentar a grave crise de saúde no país. O sarcasmo prosseguiu em um cumprimento à imprensa brasileira. Isso porque, de acordo com o pronunciamento de Bolsonaro no dia seguinte, é “essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam entre nós”, como se os veículos de comunicação fossem os responsáveis por disseminar notícias falsas e não que elas fossem propagadas principalmente pelas redes sociais (JORNAL DO COMÉRCIO, 2020).

Ademais, o presidente minimizou o perigo da Covid-19 ao ponderar que, apesar de ter chegado ao Brasil, o vírus estava sendo enfrentado e seria derrotado em breve, como magicamente acontece nos finais felizes das histórias infantis. Com a certeza do desfecho do enredo, assume a conduta de volta à normalidade, com a manutenção dos empregos e a preservação do sustento das famílias, revelando-se mais preocupado com a economia brasileira que com a saúde dos cidadãos para, em seguida, criticar autoridades municipais e estaduais que adotaram medidas mais restritivas para conter o avanço da pandemia em suas localidades. O presidente também defendeu a abertura de escolas tomando por base o

discurso de que os alunos não fazem parte do grupo de risco. Mas desprezou por completo que professores e demais trabalhadores da educação, assim como as pessoas que habitam os mesmos lares que os estudantes, possam fazer parte dele. Paradoxalmente, Bolsonaro ressalta que se deve respeitar as orientações do Ministério da Saúde – que até o momento sempre preconizaram o isolamento social como melhor alternativa para a prevenção ao Coronavírus –, além de destacar que os cidadãos devem se preocupar em não transmitir o vírus para os mais vulneráveis. Mas de que forma? Questionamos. Novamente, Bolsonaro utiliza-se de ironia ao se mostrar valente contra a Covid-19 e questionar a ponderação utilizada por Dráuzio Varella (VEJA, 2020), ainda em janeiro, quando o novo vírus ainda não passava de uma suspeita no Brasil. De acordo com o presidente, por ter sido atleta, não teria nenhum agravamento caso contraísse o Coronavírus ou, no máximo, seria acometido por um “resfriadinho”.

Mais uma vez, o presidente do Brasil é contraditório: assume-se crédulo a Deus e pede que Ele capacite pesquisadores e cientistas para o tratamento da Covid-19, como se a descoberta não fosse fruto de estudos e pesquisas. Além disso, faz propaganda em defesa do uso da cloroquina como eficaz para o tratamento do novo vírus, mesmo sem sua comprovação científica, para, finalmente, prestar homenagem aos profissionais de saúde e reforçar que o país sairá vitorioso da batalha contra o vírus. Como um profeta, conclui seu discurso pedindo a Deus para abençoar a pátria querida.

Nesse contexto, julgamos que o pronunciamento de Bolsonaro tenha sido mais no sentido de se mostrar visível para a população brasileira e menos de mostrar resultados ou apresentar o que de fato estava sendo feito pelo governo federal para conter a propagação da Covid-19 no Brasil. Percebemos que o presidente estava desconfortável, em um ambiente em que ele não se sentia à vontade e tendo que assumir a postura de líder de uma nação, o que raramente demonstra em suas *lives* ou no contato com seus apoiadores.

## **6 *Jornal Nacional*: o campeão de audiência – e didatismo – no combate ao Coronavírus**

Inicialmente, julgamos imprescindível destacar que, antes mesmo de noticiar o primeiro caso da doença no Brasil, o *Jornal Nacional* tem reportado a pandemia ao redor do mundo, informando o número de infectados, o que tem sido feito pelos governos assim como as recomendações dos órgãos mundiais de saúde para conter o avanço do vírus. Mas, desde

que o Covid-19 chegou ao país, toda a emissora passou a dedicar boa parte de sua programação à produção de notícias e à veiculação de informações sobre a pandemia. Desde o início dos casos de Covid-19 no Brasil, em 26 de fevereiro de 2020, e com o avanço da pandemia no país, o telejornal passou a dar cada vez mais destaque para o tema em suas edições, adotando postura didática com o objetivo de conscientizar e instruir os telespectadores sobre o novo vírus e contribuindo para o correto exercício do jornalismo, em cumprimento aos princípios de educar, entreter e informar próprios da TV. Percebemos, ainda, que o *JN* produziu repetidamente materiais com caráter pedagógico, informando como as pessoas deveriam se comportar e utilizando-se do que Iluska Coutinho (2012) nomeou dramaturgia do telejornalismo para se aproximar dos espectadores e educar: apresentou personagens, situações cotidianas e corriqueiras, hábitos frequentes e a necessidade da mudança de postura.

Nesse contexto, e abordando nosso objeto de análise nesse trabalho – o pronunciamento de Bolsonaro (2020) e seus desdobramentos nas edições do *Jornal Nacional* – evidenciamos o dia anterior ao discurso do presidente, quando o noticiário teve início com um editorial (JORNAL NACIONAL, 2020b) que pedia calma aos cidadãos. Após a escalada das matérias, os âncoras assumiram um papel sóbrio, mas acolhedor, ao tratar da pandemia de Coronavírus no Brasil. Entre troca de câmeras e apresentadores, reconheceram a gravidade da situação, destacaram o trabalho de vários profissionais que não podiam se manter em isolamento, como preconizado pelo Ministério da Saúde, exaltaram sobretudo o trabalho dos jornalistas. E novamente reforçaram o pedido de serenidade para lidar com a situação. Acreditamos que tenha sido em consequência desse editorial que Bolsonaro decidiu se pronunciar para a nação, como se fosse uma resposta ao noticiário, para se reafirmar como chefe da nação.

Já na terça-feira, dia 24 de março, o *JN* não deu destaque à declaração de Bolsonaro na escalada tampouco no primeiro bloco de notícias. Contudo, na volta do primeiro intervalo comercial, Bonner anunciou – em tom solene e contestatório – que o presidente Bolsonaro havia contrariado (no pronunciamento feito antes do telejornal ser veiculado) tudo o que especialistas e autoridades sanitárias do Brasil e do mundo estavam pregando como forma de evitar que o novo Coronavírus se espalhasse. Isso porque, em seu pronunciamento, o presidente criticou o pedido feito para que todos aqueles que pudessem, ficassem em casa. O noticiário também ressaltou que Bolsonaro culpou os meios de comunicação por espalhar a

sensação de pavor e destacou a afirmação de que, se ele contrair o vírus, não pegará mais do que uma gripezinha.

Como relatamos anteriormente, ao abordar o “resfriadinho”, Bolsonaro estava relembando um discurso feito pelo médico Dráuzio Varella, que possui um quadro sobre saúde e comportamento na Revista Semanal da Rede Globo, o *Fantástico*, em um vídeo publicado por ele em janeiro sobre as consequências da Covid-19 naquele momento e absolutamente descontextualizado, visto que não refletia o cuidado com o tratamento e a prevenção da doença exaustivamente noticiados pelo *Jornal Nacional* e pela própria Rede Globo de Televisão desde a primeira confirmação de paciente infectado por Coronavírus no Brasil. Ainda abordando o pronunciamento de Bolsonaro, o *JN* fez questão de frisar que, apesar de ter sido consultado sobre a declaração do presidente da República em rede nacional, o Ministério da Saúde nada havia dito sobre o assunto.

No dia seguinte, o *JN* repercutiu, de forma crítica e contrária, o pronunciamento feito por Bolsonaro na véspera. Durante a escalada, o telejornal assumiu um enquadramento noticioso negativo em relação às ações do presidente, que havia criticado as medidas de isolamento social decretadas por governadores e prefeitos, ignorando o preconizado pela Organização Mundial de Saúde, contrariando recomendações de médicos e sanitaristas de todo o mundo, contestando medidas adotadas por chefes de estado e governo em todos os continentes e, por fim, minimizando o perigo do novo Coronavírus ao dizer que outros mataram mais sem provocar comoção. Além disso, o noticiário também destacou o fato de o Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, ter ajustado seu discurso ao do presidente, evitando comentar as críticas feitas por diversas autoridades mundiais a Bolsonaro. Por outro lado, o *JN* ressaltou a afirmação do vice-presidente, Hamilton Mourão, de que a posição do governo permanecia com o objetivo de manter as medidas de isolamento, e ainda que o presidente poderia não ter se expressado da melhor forma. O noticiário também enfatizou que, contra o caos social previsto por Bolsonaro, economistas afirmaram que a solução estava nas mãos dele próprio: deixar temporariamente o ajuste fiscal de lado e destinar dinheiro a programas de transferência de renda que amparassem os mais necessitados.

O segundo bloco de notícias desta edição ainda destacou o pronunciamento feito pelo presidente na véspera ao informar que Jair Bolsonaro havia repetido naquela manhã a postura que assumiu em seu discurso, o que motivou críticas em todos os setores da sociedade. De acordo com o *JN*, Bolsonaro voltou a reprovar o isolamento social, o que virologistas, infectologistas, autoridades médicas e sanitárias, chefes de estado e de governo

do mundo inteiro defendiam como forma de combater o espalhamento do novo Coronavírus. Como argumento, o presidente disse que o isolamento iria criar uma crise econômica e gerar desemprego, e que isso pode levar a conflitos sociais. O noticiário também enfatizou a afirmação do presidente de que queria que esse vírus não matasse ninguém, mas que outros que mataram mais não provocaram “essa comoção toda”.

Adotando um enquadramento noticioso desfavorável a Bolsonaro, o *JN* frisou as reações dos governadores ao pronunciamento do presidente, criticando-o, mostrando-se indignados e decidindo sustentar as decisões anteriormente adotadas por eles, mantendo o isolamento social. O *JN* também veiculou a discussão entre Bolsonaro e João Doria, governador de São Paulo, durante uma reunião do presidente com os governadores da região Sudeste, assim como seus desdobramentos. O *Jornal Nacional* exibiu um trecho da conferência, quando João Doria argumentou que Bolsonaro não estava preocupado com as vidas, mas apenas com a economia brasileira, e que nós, brasileiros, passávamos por uma grave crise. Já o presidente mostrou-se irritado com as críticas recebidas e continuou minimizando mais uma vez a Covid-19. Em seguida, o telejornal veiculou outras críticas feitas por diversas autoridades, como os presidentes do Senado e da Câmara, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, ministros do STF e presidente da OAB, que discordaram das declarações de Bolsonaro em seu pronunciamento, com Fernando Santos Cruz alegando que o presidente fez uso dos meios de comunicação da presidência para desinformar e deseducar. Algumas associações de imprensa, como a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI), também se manifestaram contrariamente a respeito dos julgamentos feitos pelo presidente à imprensa, assim como diversos outros setores da comunidade médica, visto que o pronunciamento de Bolsonaro foi na contramão do que preconiza os órgãos mundiais de saúde. Sem exceção, todas as pessoas ao longo da reportagem produzida destacaram a importância da vida, promovendo mais uma vez um posicionamento contrário ao governo de Jair Bolsonaro.

Mais uma matéria é veiculada pelo noticiário informando que a atitude do presidente se opunha frontalmente ao discurso adotado pelos próprios membros do Ministério da Saúde de seu governo, que defendiam enfaticamente que as pessoas não deveriam sair de casa, tendo a obrigação de fazê-lo apenas em casos de extrema necessidade. Em seguida, o *JN* arguiu a postura do Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, quanto ao discurso de Bolsonaro e mostrou que Mandetta procurou ajustar sua fala ao que foi anunciado pelo presidente, não desautorizando explicitamente medidas adotadas por prefeitos e

governadores no combate à pandemia, mas dizendo ser preciso ter calma quando se decreta a quarentena.

Em uma notapé<sup>2</sup>, Renata Vasconcellos destacou que o ministro evitou comentar as críticas de políticos, governadores e das classes médica e científica ao discurso do presidente, afirmando que o ministro havia dito que o foco do governo se concentrava na proteção à vida. Por outro lado, Mandetta elogiou Bolsonaro por chamar a atenção para a economia. Outra reportagem destacou a fala do vice-presidente Hamilton Mourão ao destacar a posição do governo como sendo favorável ao isolamento e ao distanciamento social, indo de encontro ao discurso de Bolsonaro.

Uma nova matéria é veiculada sobre o assunto, construída a partir de declarações de diversos economistas brasileiros tomando por base as manifestações do presidente contra as medidas de isolamento. Nos discursos dos especialistas estava a afirmação, em uníssono, de que era o próprio Bolsonaro quem tinha o poder para proteger os cidadãos das consequências econômicas da pandemia, por ser ele quem tem o controle dos recursos da União para amparar quem perder seu sustento. Na notícia, os economistas ainda destacaram que, numa crise dessas proporções, e com tamanha gravidade, preservar vidas é um dever que se sobrepõe a metas fiscais anuais. Dando sequência à reportagem, Bonner informa que as medidas econômicas que o governo federal havia anunciado até o momento para aliviar o impacto da pandemia na vida dos brasileiros não haviam saído do papel, mais uma vez assumindo um enquadramento noticioso negativo em relação a Bolsonaro.

Ainda sobre o assunto, o *Jornal Nacional* fez uma crítica ao discurso do presidente ao afirmar que, como ex-atleta, ele teria uma gripezinha caso fosse infectado ao veicular uma reportagem cujos personagens eram pessoas que se dedicavam profissionalmente ao esporte e que tinham um conselho diferente a dar aos brasileiros. A notícia destaca atletas medalhistas olímpicos que haviam contraído a Covid-19 revelando ter sido essa a pior experiência já sofrida por eles. Há, ainda, a divulgação de um vídeo feito pela Fifa com vários ídolos do futebol fornecendo orientações para combater o Coronavírus. Ao final do audiovisual, um recado de Messi pedindo para as pessoas ficarem em casa e seguirem as orientações das autoridades sanitárias. Além disso, a notícia também destacou a informação de um médico de que os atletas do passado não têm melhores chances contra a doença, e que valia a imunidade atual.

---

<sup>2</sup> Nota com informações adicionais/complementares veiculada após uma reportagem televisiva.

Nesse sentido, e de acordo com os eixos apresentados para nossa análise, depreendemos que as edições do *Jornal Nacional* veiculadas na véspera, no dia e na data subsequente foram determinantes e determinadas pelo pronunciamento de Jair Bolsonaro. Isso porque entendemos que o presidente decidiu se manifestar apenas depois de observar o espaço que a pandemia havia conquistado nos noticiários. Como consequência, o telejornal utilizou-se das declarações do presidente para refutá-las e mostrar que as autoridades de saúde recomendavam fazer exatamente o contrário daquilo que o chefe do Estado havia sugerido. Já no que diz respeito à nossa análise sobre o papel assumido por cada um dos personagens, notamos que Bolsonaro se mostrou mais preocupado em preservar a economia de uma crise do que com a vida dos brasileiros, aconselhando os cidadãos a voltar à “normalidade”, como se isso fosse possível no enfrentamento de uma pandemia. Por outro lado, o *Jornal Nacional* adotou uma postura didática, abordando a gravidade apresentada pelo novo vírus e exibindo formas de combate e prevenção à Covid-19. Sob esse aspecto, destacamos que, ao longo das três edições<sup>3</sup> do noticiário analisadas, o tema assumiu quase a totalidade do telejornal e, no dia 25 de março, mais da metade do tempo foi dedicado ao desdobramento do discurso feito pelo presidente em rede nacional.

No que tange ao terceiro eixo de análise, “de que forma o assunto é abordado na perspectiva de cada um dos personagens e qual repercussão acreditamos que queiram alcançar”, entendemos que a Covid-19 foi considerada desimportante pelo presidente em seu pronunciamento – e em suas ações, acrescentamos –, tratando da pandemia como uma “gripezinha” e pedindo para que os cidadãos voltassem às suas rotinas produtivas. O *Jornal Nacional*, contudo, adotou o que Vizeu e Cerqueira (2018, p. 42-43) denominam pedagogia do telejornalismo, para quem tanto educadores quanto jornalistas “são produtores de conhecimento, construtores de realidade e, de alguma forma, responsáveis pela reprodução de valores, hábitos”, buscando instruir seus telespectadores quanto às novas práticas de comportamento a serem seguidas. Finalmente, acreditamos que o *JN* assume para si, tanto na cobertura da pandemia quanto nos desdobramentos do discurso de Jair Bolsonaro, a postura de validador da realidade e representante da sociedade. Isso porque, após mais de 50 anos no ar, o *JN* ainda se destaca enquanto produto midiático responsável pela obtenção de informação pela maioria da população brasileira. Juliana Gutmann (2009) defende que o *Jornal Nacional* “constrói uma posição de representante da sociedade civil, convocando

<sup>3</sup> No dia 23 de março, 40 dos 65 minutos de edição foram dedicados à Covid-19 (JORNAL NACIONAL, 2020b). No dia seguinte, dos 72’38”, 63’31” abordaram a pandemia (JORNAL NACIONAL, 2020c). Já no dia 25 de março, o noticiário teve a duração de 79 minutos e 2 segundos e tratou do assunto em sua totalidade (JORNAL NACIONAL, 2020d).

contato com a audiência, a qual, por sua vez, reconhece o papel de autoridade do programa como instituição legitimada para dizer sobre os fatos relevantes da e na atualidade”. (GUTMANN, 2009, p. 13 e 14). E, a nosso ver, o noticiário tem conseguido cumprir com o seu papel.

## 7 Conclusão

É inegável o ambiente de tensão e hostilidade vivenciado entre o presidente Jair Bolsonaro, seus apoiadores e o jornalismo tradicional – com maior ênfase à Rede Globo de Televisão. A disputa narrativa e por poder simbólico sobre quem tem o domínio da verdade e da razão chegou num estágio agudo de pressão e transformação que justificou nosso interesse ao elaborar este trabalho. Finda a análise de três edições do *Jornal Nacional* percebemos que a exaustivamente falada democratização do acesso à informação e à possibilidade de exposição de posicionamentos diversos no ambiente digital em relação a inesgotáveis temáticas trouxeram para a nossa sociedade implicações significativas de disputa. A dimensão ampliada desse lugar comum de troca de informações, por meio das mídias sociais digitais além dos veículos tradicionais de comunicação, provocou uma corrida por legitimação de discursos. Quando de um lado está a figura de um presidente que se elege, em grande parte, pela habilidade de usar a boataria digital e a desinformação e o ataque à imprensa a seu favor, e temos do outro lado uma emissora de televisão que busca retomar, reafirmar valores e atribuir novos sentidos à sua narrativa jornalística questionada por uma parcela da sociedade, o resultado é a transformação dos factuais numa busca constante por desmentir, desdizer, confrontar, apontar as falhas e assim conquistar aderência de suas narrativas junto ao público brasileiro.

A Análise da Materialidade Audiovisual enquanto metodologia permitiu lançarmos os olhares para além do conjunto de notícias e reportagens que compõem a amostra pinçada para este trabalho. Ela permitiu que os enquadramentos e contextos paratextuais fossem levados em consideração para a compreensão de como o *Jornal Nacional* reage à forma de Bolsonaro gerenciar (ou não gerenciar) uma crise de saúde e, paralelamente, de como o telejornal constrói a narrativa de contraposição ao homem público que pode arranhar o seu negócio, uma vez que tratamos aqui de uma empresa comercial. Cabe salientar que o presidente, a cada oportunidade, reforça esses argumentos de que a emissora flertou por muito tempo e ainda flerta com interesses econômicos da agenda neoliberal.

Ao dedicar um grande espaço no seu tempo de exibição a desmentir o presidente, apontar suas falhas e usar o telejornalismo como forma de educar e preparar a população para o enfrentamento da pandemia, o telejornal assume para si uma função pedagógica e encontra espaço para criar narrativas de bem público, de noticiário preocupado e atento com as demandas da população e até mesmo de pilar democrático. É a tentativa de reafirmação de valores nesse novo contexto de inchaço informacional. Tensionar e questionar o papel das lideranças faz parte do fazer jornalístico. A observação das maneiras de organizar as pautas, de amarrar os elementos discursivos, construir a narrativa atenta a repercussões e ainda desconstruir a imagem de um representante do país revela a disputa por quem tem razão. O acirramento na busca por arrebanhar o maior número de apoiadores sobre aquilo que se acha, pensa, acredita ou finge dar crédito para aplacar medos e inseguranças promove um novo fato gerado: para além da cobertura governamental, na busca por registrar e documentar este momento histórico de pandemia surge a disputa narrativa que por si só mobiliza a sociedade para o acompanhamento do noticiário e para o acompanhamento de pronunciamentos oficiais, declarações descabidas e ações do presidente.

Este novo factual criado é televisionado, exposto nos ambientes de troca virtual e recirculado numa narrativa que, a cada novo episódio, torna mais aguda a disputa por legitimação discursiva. É interessante frisar o exercício narrativo feito pelos profissionais da Rede Globo para tentar imprimir em seu principal telejornal uma busca por demonstrar o respeito aos valores do jornalismo democrático e se pautar por aquilo que a ética profissional impõe: contrapor e esvaziar o presidente.

Jair Bolsonaro, por sua vez, apela para meios não tão pautados pela ética e até mesmo levianos e desrespeitosos para tirar a emissora desse lugar de fiscal isento dos poderes em que ela se coloca. São enquadramentos distintos que, imersos na teia social de colapso das instituições e no declínio da verdade por excesso de informações não verificadas usadas para confundir, permitem afirmar que o telejornal se alimenta também da narrativa presidencial como forma de reafirmar seus valores e se reposicionar num novo momento da sociedade.

A retroalimentação da briga para amealhar o maior naco de opinião pública se tornou notícia, mostrou a corrida por compreender e dominar os novos espaços de troca do público e sobrepor a própria opinião. A guerra narrativa revela o esforço de cada um dos lados da disputa em colocar à prova a credibilidade das informações e ações do adversário. A pela busca da verdade e para o enfrentamento da crise de saúde é deslocada, muitas vezes do foco da cobertura jornalística, para se tornar instrumento de um contexto de disputa por poder

simbólico. É fundamental que nós, pesquisadores, nos debruçemos com afinco a cada estratégia discursiva, a cada nova tecnologia empregada e a cada nova releitura das formas de comunicar para não perdermos a clareza e objetivo principal do jornalismo: informar para promover autonomia de cada cidadão e a tentativa de democracia o mais plena possível.

## Referências

BOLSONARO, Jair Messias. Pronunciamento por ocasião da pandemia de Covid-19 no Brasil. [Brasília], 24 mar. 2020. 4min 58s. Publicado pelo canal Planalto. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Vl\\_DYb-XaAE](https://www.youtube.com/watch?v=Vl_DYb-XaAE). Acesso em: 5 ago. 2020.

CARTA CAPITAL. Bolsonaro em 25 frases polêmicas. **Carta Capital**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acesso em: 3 jan. 2021.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo**: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39., 2016, São Paulo, SP. **Anais eletrônicos [...]** São Paulo: USP, 2016.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-Verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News. São Paulo: Faro Editorial, 2018.

ESTADÃO. Datafolha: Brasileiros veem TVs e jornais como os mais confiáveis para se informar sobre coronavírus. **Estadão**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,datafolha-brasileiros-veem-tvs-e-jornais-como-os-mais-confiaveis-para-se-informar-sobre-coronavirus,70003244554>. Acesso em: 24 nov. 2021.

JORNAL DO COMÉRCIO. 'Fake News' se espalham 70% mais rápido que as notícias verdadeiras, diz MIT. **Jornal do Comércio**. Porto Alegre, 2020. Disponível em: [https://www.jornaldocomercio.com/\\_conteudo/2018/03/geral/615457-fake-news-se-espalham-70-mais-rapido-que-as-noticias-verdadeiras-diz-mit.html](https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2018/03/geral/615457-fake-news-se-espalham-70-mais-rapido-que-as-noticias-verdadeiras-diz-mit.html). Acesso em: 11 ago. 2020.

FERRAZ, Luiz Marcelo Robalinho; LERNER, Kátia. Análise do processo de enquadramento na construção midiática de doença. **RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 22, 2012.

GUTMANN, Juliana Freire. Articulações entre dispositivos televisivos e valores jornalísticos na cena de apresentação do Jornal Nacional. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Paraná. **Intercom** [...] Paraná: Intercom, 2009. p. 1-15.

JORNAL NACIONAL. **Jornal Nacional, Íntegra 26/02/2020**. [Rio de Janeiro]: Globo, 2020a. 33min. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8355353/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

JORNAL NACIONAL. **Jornal Nacional, Íntegra 23/03/2020**. [Rio de Janeiro]: Globo, 2020b. 65min 39s. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8425010/>. Acesso em 18 jun. 2020.

JORNAL NACIONAL. **Jornal Nacional, Íntegra 24/03/2020**. [Rio de Janeiro]: Globo, 2020c. 72min 38s. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8411138/>. Acesso em: 14 jun. 2020.

JORNAL NACIONAL. **Jornal Nacional, Íntegra, 25/03/2020**. [Rio de Janeiro]: Globo, 2020d. 79min 42s. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8431977/programa/>. Acesso em: 5 ago. 2020.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**: notas sobre a mentira na era Trump. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Pesquisa por audiência em TV**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/conteudo/dados-rankings/audiencia-tv-15-mercados/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

MARINHO, João Roberto. Prefácio. **Jornal Nacional: 50 anos de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

PEROSA, Teresa. O império da pós-verdade. *Época*, [s.l.], 25 mar. 2017. Mundo. Atualizado em 26 mar. 2017.

PORTO, Mauro. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, Antônio Albino Canela (org.). **Comunicação e Política**: conceitos e abordagens. Salvador: EdUFBA, 2002.

SANTAELLA, Lucia. **A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.

UOL. Brasileiros em Wuhan gravam apelo a Bolsonaro por retirada da China. **Notícias UOL**, [s.l.], 2020a. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/02/02/em-wuhan-brasileiros-gravam-apelo-a-bolsonaro-para-deixar-china.htm>. Acesso em: 5 ago. 2020.

UOL. Relembre o que Bolsonaro já disse sobre a pandemia, de gripezinha e país de maricas a frescura e mimimi. **Notícias UOL**, [s.l.], 2020b. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/veja-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-coronavirus-de-certa-histeria-a-fantasia-e-nerouse.shtml>. Acesso em: 5 ago. 2020.

VEJA. Bolsonaroistas usam vídeo antigo de Drauzio para minimizar coronavírus. **Veja**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/maquiavel/bolsonaristas-usam-video-de-drauzio-para-defender-frase-sobre-gripezinha/>. Acesso em: 6 ago. 2020.

VIZEU, Alfredo; CERQUEIRA, Laerte. Os saberes da Pedagogia da Autonomia no Telejornalismo. *In*: EMERIM, Cárlica; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane (orgs.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018. (Coleção Jornalismo Audiovisual, 7).

WPP. Brasil Covid-19. **Inteligência e insights (relatório)**. São Paulo: WPP Group. 2020.

## The clash of narratives between Jair Bolsonaro and Jornal Nacional: the pronouncement of the “little flu” from the perspective of Audiovisual Materiality Analysis

### Abstract

Analysis of the clash of narratives between the President of Republic and Jornal Nacional. Confrontation of the speeches of Jair Bolsonaro and the news for the confrontation of Covid-19 in Brazil and the narrative dispute and symbolic power between them.

### Keywords

Clash of Narratives; News Framing; Audiovisual Materiality Analysis; Pronouncement; Jornal Nacional

### Autoria para correspondência

Simone Teixeira Martins  
sitema@gmail.com

### Como citar

MARTINS, Simone Teixeira; COIMBRA, Mayra Regina; FALCÃO, Luiz Felipe Novais; COUTINHO, Iluska Maria da Silva; OLIVEIRA, Luiz Ademir de; LEAL, Paulo Roberto Figueira. O embate de narrativas entre Jair Bolsonaro e o Jornal Nacional: o pronunciamento da “gripezinha” sob o olhar da Análise da Materialidade Audiovisual. **Intexto**, Porto Alegre, n. 53, e-111937, jan./dez. 2022. DOI: <http://doi.org/10.19132/1807-8583202253.111937>

Recebido em 03/05/2021

Aceito em 02/10/2021

Copyright (c) 2022 Simone Teixeira Martins, Mayra Regina Coimbra, Luiz Felipe Novais Falcão, Luiz Ademir de Oliveira, Iluska Maria da Silva Coutinho, Paulo Roberto Figueira Leal. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

